Tukuna nawa Itsunim

Nosso mundo Kanamari

O COMIN tem o prazer de apresentar neste ano de 2010 o povo indígena Kanamari que vive no Amazonas. Eles se autodenominam *Tukuna* ou *Tâkuna,* que quer dizer gente.

Nesta apresentação, os Kanamari querem mostrar-nos como é o seu modo de viver. Por isso, escolheram o tema *Tukuna nawa itsunim,* que quer dizer: Nosso mundo Kanamari. A palavra *itsunim* tem mais significados: floresta, mundo, tempo, lugar (COSTA, 2007).

O COMIN, que trabalha em Eirunepé e em Carauari, com os povos Madiha e Deni, respectivamente, tem também acompanhado o povo Kanamari nos últimos anos e os auxiliou a elaborar esse material com o objetivo de apresentar o seu mundo para a sociedade não indígena.

O cartaz tenta expressar a cosmovisão Kanamari, que é composta de três esferas: o *kodonake (o céu, morada dos espíritos e dos ancestrais)*, a aldeia e o *itsunim* (a floresta). Essas esferas são interdependentes e interagem (LABIAK, 2007, p. 170). Nesse sentido, ele apresenta a aldeia, que é o centro da vida Kanamari e a vida do dia-a-dia.

Apresenta também a celebração dos seus mitos, nos quais o espírito *Pida* (Onça) permeia a vida toda do povo Kanamari. A principal festa Kanamari ocorre num ciclo de dias denominado de *warapekom* (o tempo de frutas). No ritual do *warapekom,* as mulheres, representando os seres humanos, começam cantando, pedindo aos espíritos que compareçam e possibilitem alimentação, “frutos do céu e frutos da terra”.

Nessa festa, as duas principais entidades, *Pida* e *Kohana* (espíritos), são vivenciadas pelo povo Kanamari. "*Pida* provê a alimentação, e *Kohana* organiza a vida Kanamari. No *kodonake, Kohana* cuida da organização, do bem-estar e das boas relações. *Pida*, por ser o guardião da floresta, libera e propicia a alimentação tanto para o *kodonake* quanto para a aldeia" (LABIAK, 2007, p. 155).

Os homens, personificando o espírito do *Pida* ou do *Kohana,* comparecem no terreiro. Eles já haviam se preparado na floresta, longe do olhar das mulheres, para preparar a vestimenta elaborada com broto de buriti e para encarnar os espíritos. Eles dançam e cantam com as mulheres durante toda a noite. A dança é organizada com duas fileiras opostas, uma de homens (espíritos) e a outra de mulheres, movimentando-se para frente e para trás. O ritual é orientado por cantores principais, no qual há um revezamento de cantos entre as mulheres e os espíritos, numa sequência de pedido das mulheres e resposta dos espíritos.

Na festa, que ocorre no período de seca e preferencialmente na lua cheia, não pode faltar a principal bebida do povo Kanamari, o koya (caiçuma de mandioca). Ele é oferecido pelos seres humanos aos espíritos. As crianças, imitando, participam de todo o processo da festa.

O pedido das mulheres por alimentação é providenciado pelos homens nos dias seguintes, dando continuidade ao ciclo de festa (FIGUEROA, 2006, p. 4).

Localização geográfica

Falantes de uma língua Katukina, os Kanamari originalmente moravam nos tributários do alto-médio Rio Juruá, no Estado do Amazonas, onde a maioria deles ainda vive. Também se estabeleceram nas proximidades de afluentes desse rio, no Alto Itaquaí, afluente do Javari, e ainda em regiões mais distantes, como no Médio Javari e no Rio Japurá, já na margem esquerda do Rio Solimões.

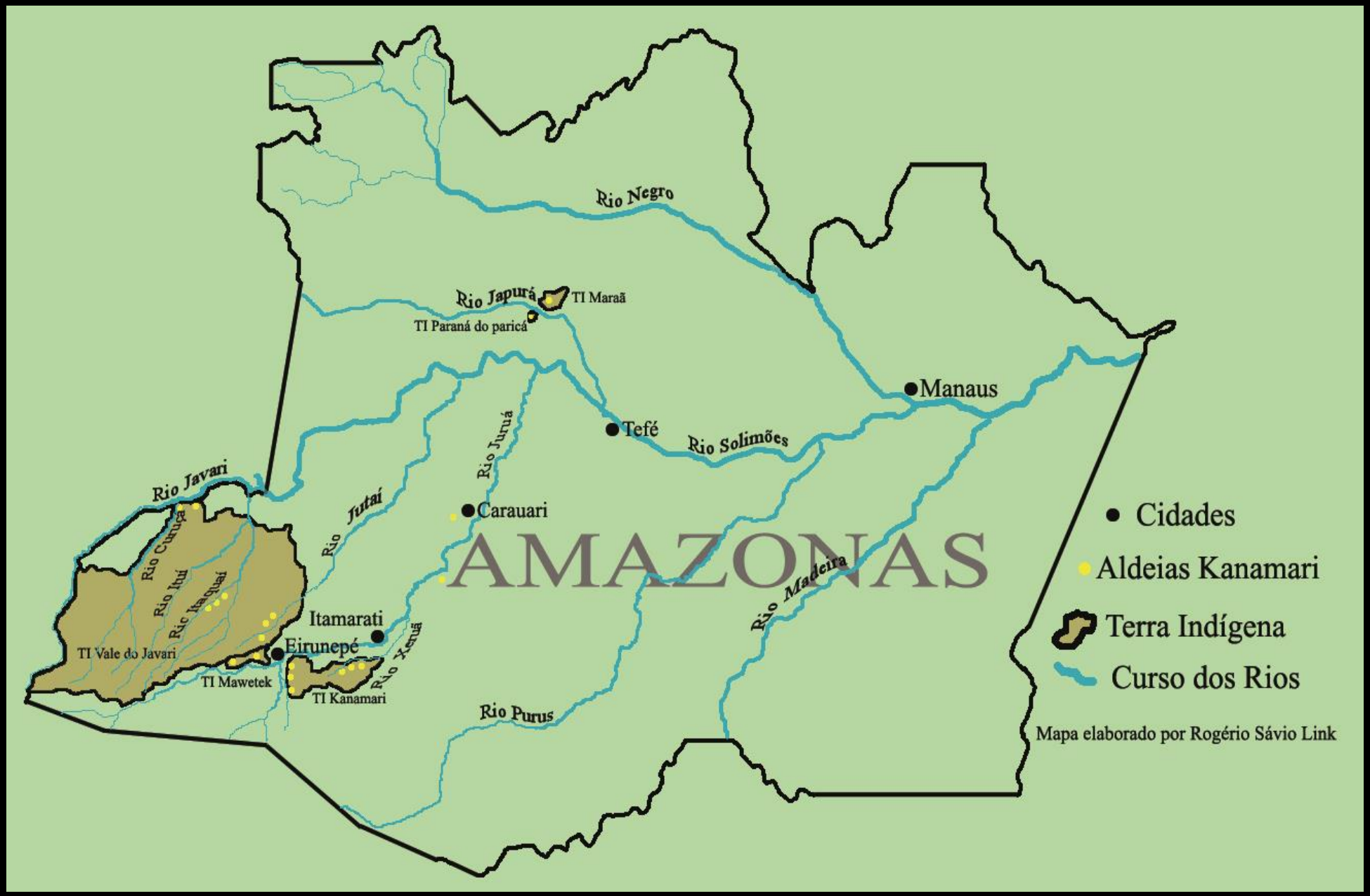
Eles vivem hoje em diferentes Terras Indígenas (TIs): na TI Vale do Javari, onde ocupam os rios Curuçá, Javari, Itaquaí e Jutaí; na TI Mawetek, contígua ao sul da TI Vale do Javari e que compreende os tributários da margem esquerda do médio Juruá; na TI Kanamari do Rio Juruá, situada nos tributários da margem direita do Juruá, abaixo da cidade de Eirunepé; e duas pequenas áreas no Japurá, Maraã e Parana do Paricá. Existem duas comunidades Kanamari no município de Carauari/AM, Taquara e Bauana. Essas duas comunidades vieram do Rio Xeruã, município de Itamarati/AM, onde existem duas aldeias Kanamari na TI Kanamari do Rio Juruá, Flexal e Curabi. O último censo dos Kanamari, feito pela Funasa em 2006, estimou 1.654 pessoas.

Os Kanamari dividem-se em subgrupos que recebem o nome de um animal seguido pelo sufixo *djapa*, que significa “gente”. Diferente do termo *Tukuna, o* termo *djapa* designa uma identidade grupal localizada geograficamente. São conhecidos mais 22 grupos, como, por exemplo, *Pida-djapa* (gente da onça), *Wiri-djapa* (gente da queixada), *Bin-djapa* (gente do mutum), *Tjonhwak-djapa* (gente do tucano).

Djapa no mundo Kanamari

"A interação social e simbólica com o mundo animal remonta ao Primeiro Mundo, particularmente a Tamakori, que nomeou todos os Djapa 6 ‘nome de caça, sabe? Nome de caboclo Tamakori botar assim: Hitsan Djapa, nome de porco; Wiri Djapa, queixada; Ben Djapa, mutum (...) só tem nome de caça e peixe, tudo separado’ - para que eles próprios não esquecessem e para o conhecimento dos não-índios. Tastevin percebeu e registrou, com rara felicidade, perspectivismo-animista dos Katukina Djapa ao observar que eles parecem não se acreditar superiores a certos animais: eles se acreditam outros muito simplesmente, da mesma maneira que eles se acreditam outros frente aos homens de uma outra língua. A esse ponto de vista se fundamenta a compreensão do universo sociológico e cosmológico dos Djapa.

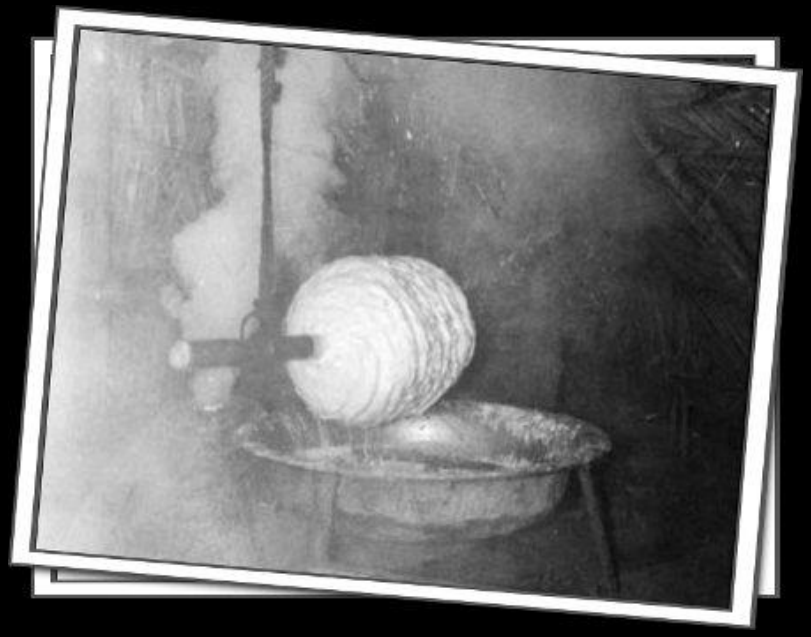
(GONÇALVES CARVALHO, MARIA ROSÁRIO, p. 106)


Rio Negro
Rio Japurá
TI Maraã
TI Paraná do paricá
Manaus
Tefé
Rio Solimões
Rio Juruá
Rio Jutaí
Rio Javari
Carauari
AMAZONAS
Rio Curuça
Rio Ituí
Rio Itaquaí
Itamarati
Eirunepé
Rio Xeruã
TI Vale do Javari
TI Mawetek
TI Kanamari
Rio Purus
Rio Madeira
Cidades
Aldeias Kanamari
Terra Indígena
Curso dos Rios
Mapa elaborado por Rogério Sávio Link

O tempo da borracha

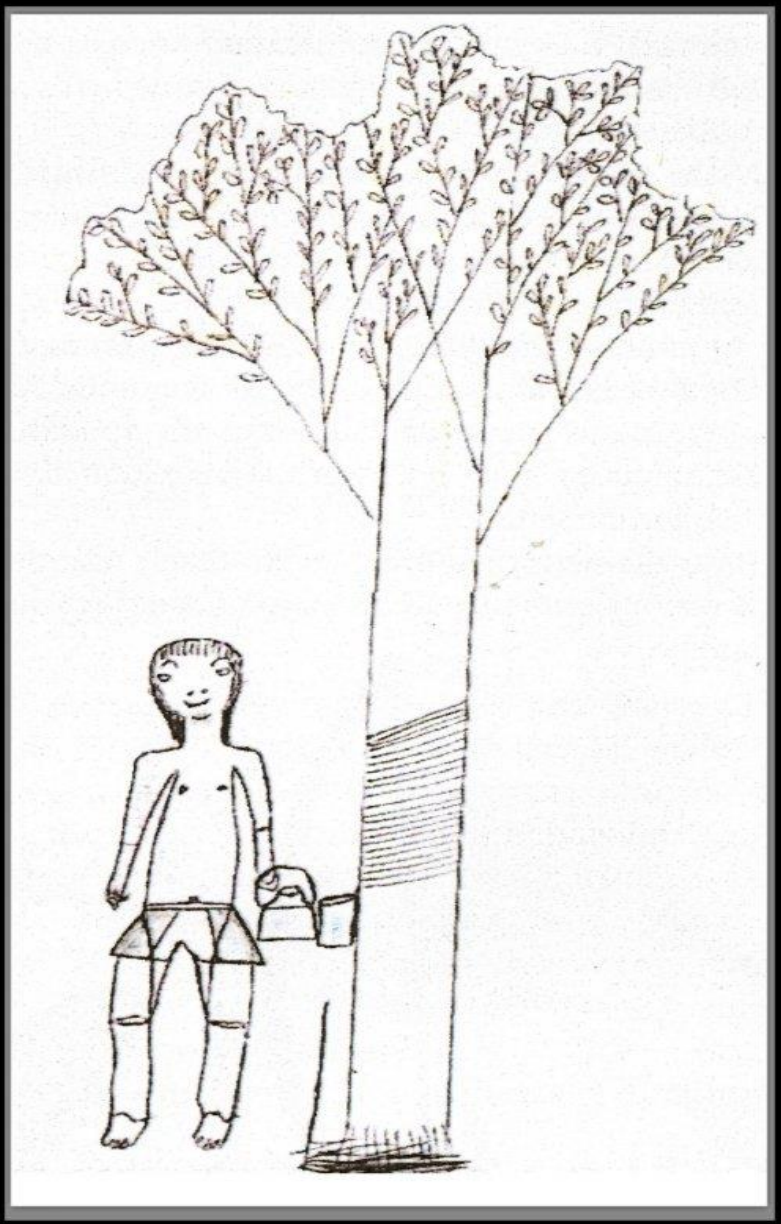
O primeiro ciclo da borracha na Amazônia, a partir de meados do século XIX, causou a redução dos territórios indígenas, a diminuição da população indígena e a desorganização de suas instituições sociais. Os povos indígenas sofreram “correrias”, expedições punitivas que eram organizadas pelos patrões seringalistas, que assim pretendiam eliminar tais obstáculos ao avanço das atividades extrativistas.

Já no final daquele século, a exploração da borracha estendia-se por toda a bacia do Juruá. Não havia sequer um rio ou um igarapé fora do raio de ação dos seringueiros.



Aliando resistência e adaptação, o povo Kanamari conseguiu sobreviver à forte dominação da empresa seringalista. Em certa medida, integraram-se ao sistema extrativista e submeteram-se às relações de aviamento, um tipo de comércio no qual os patrões dos seringais e os marreteiros entregam mercadorias em troca da produção de borracha. Nesse tipo de comércio, tanto os seringueiros quanto os indígenas nunca conseguiram saldar seus débitos com os patrões.

“Antes não tinha professor. O Kanamari não estudava. Quando vendíamos borracha, na época da seringa, para os não-indígenas, nem sabíamos qual era o nosso saldo com o patrão. Eles sempre nos enganavam. A gente não sabia lidar com o dinheiro, não sabíamos quanto deveríamos ganhar. A gente trabalhava dias inteiros e, no final, não ganhávamos quase nada. O não-indígena sempre estava em nossa área para tirar seringa, madeira, caça, pesca, etc. Depois, quando a FUNAI chegou, nossa terra foi demarcada. Assim, não tinha mais não-indígena entrando em nossa terra para roubar nossa caça, nossa madeira. Agora o não-indígena não pode mais entrar em nossa terra sem nossa permissão. Antes a FUNAI não sabia que havia não-indígenas aqui na nossa terra, foi por causa de nossa luta e nossas reivindicações que a FUNAI veio e demarcou nossa terra. O não-indígena sempre quer entrar em nossa terra, mas nós não deixamos mais.”



Depoimento de Hidoni Pedro Kanamari

Aldeia Matrinxã do igarapé Matrinxã, afluente do Juruá,

27 de maio de 2009.

Traduzido por Dapuma (André) Kanamari.

A Criação do Mundo

Antigamente, no início do mundo, não existia nenhum homem Kanamari nem outros povos. Tamah e Kirak, os dois companheiros irmãos, dão origem ao mundo Kanamari. O primeiro homem que surgiu na face da terra foi Tamah. Ele nasceu de uma grande árvore misteriosa. Tamah viveu muitos anos sozinho. Com o tempo, começou a sentir falta de companhia. Então, criou Kirak, seu irmão. Tamah e Kirak tinham poderes especiais. Eles eram, e são até hoje, os mais sábios do mundo, por isso, no dia seguinte, tiveram uma boa ideia. Criaram os seres humanos Kanamari dos cocos abençoados Aricuri pequeno. Dos cocos Aricuri grande e outras frutas criaram as outras nações humanas.

Foi assim que os poderosos criaram os seres humanos através de cocos e frutas. Tamah desceu do pé de Aricuri e disse, olhando para os caroços que haviam caído: “Esses são meus filhos, eles serão obedientes às minhas palavras, eles estão ao meu lado, e eu estarei com eles sempre, onde quer que estejam”.

Portanto, é muito bom ser Kanamari, viver no mundo de alegria, solidariedade, ânimo. Praticando esportes, realizando festas e rituais, dando continuidade às nossas crenças, fazendo nossa comida tradicional, enfim, vivendo nossa cultura. Me orgulho de ser Kanamari, somos frutos do céu e frutos da terra.

Escrito pelo professor Ahe Joabes Kanamari

Aldeia Taquara, Carauari, março de 2009.

Pida - Onça
Guardiã dos Rios e da Floresta

“Primeiro Tamakori fez a mata. Depois fez picada, varadouro, rodagem; aí, Tamakori rezou e botou água nos caminhos. Tamakori fez os bichos. Fez tudo que é bicho. Os peixes foram feitos da casca de seringueira, e os pequenos da folha. A seringueira tava na beira. A casca do pau secou e caiu na água, aí virou peixe grande, virou surubim, matrinchã, caparari, pirarara e tucunaré. Caiu folha e virou peixe pequeno; virou pacu, cará, mocinha e corona. Traíra virou de açaí. Quando o cacho secou, ele caiu na beira do igarapé, dentro d’água e aí virou traíra; uma porção de traíra. A arraia virou de orelha-de-pau, que caiu dentro d’água. E aí, tudo que é rio ficou cheio de peixe.

Depois que botou peixe em todo rio, Tamakori botou duas Pida, onças pintadas, um macho e uma fêmea, pra tomar conta dos igarapés, pra ninguém matar os peixes. Um dia, um Tukuna estava procurando rancho e encontrou as onças. Falaram pro índio: Por que você não flecha peixes? O homem ficou com medo, porque as onças falaram que peixe era bom pra comer, e que pra comer podia flechar. Podia flechar só um pouco, pra não estragar. E só podia flechar os peixes grandes, os pequenos não podia, não. Também não podia flechar sem precisão e deixar o peixe ferido escapar, porque assim o peixe ia morrer depois, e ia estragar". (Mito anotado por Araci Maria Labia, Frutos do céu de frutos da terra, p. 152-153)

Mas o homem e seu compadre não obedeceram a fala das onças, e elas os comeram. Um virou cigana e o outro virou carará.

Wana, guardiã da terra

A mulher Wana e o Espírito Adjaba são os espíritos da terra. Eles são os donos da terra em geral. Por causa disso, a Wana não deixa cortar as árvores. A árvore tem vida também e possui sangue. Para nós, Tâkana, Kanamari, isto é pura verdade. Nós acreditamos nisso. Tudo que existe no mundo é o sangue de Wana: a terra, a floresta, os rios, o ar que respiramos, os trovões e as nuvens.

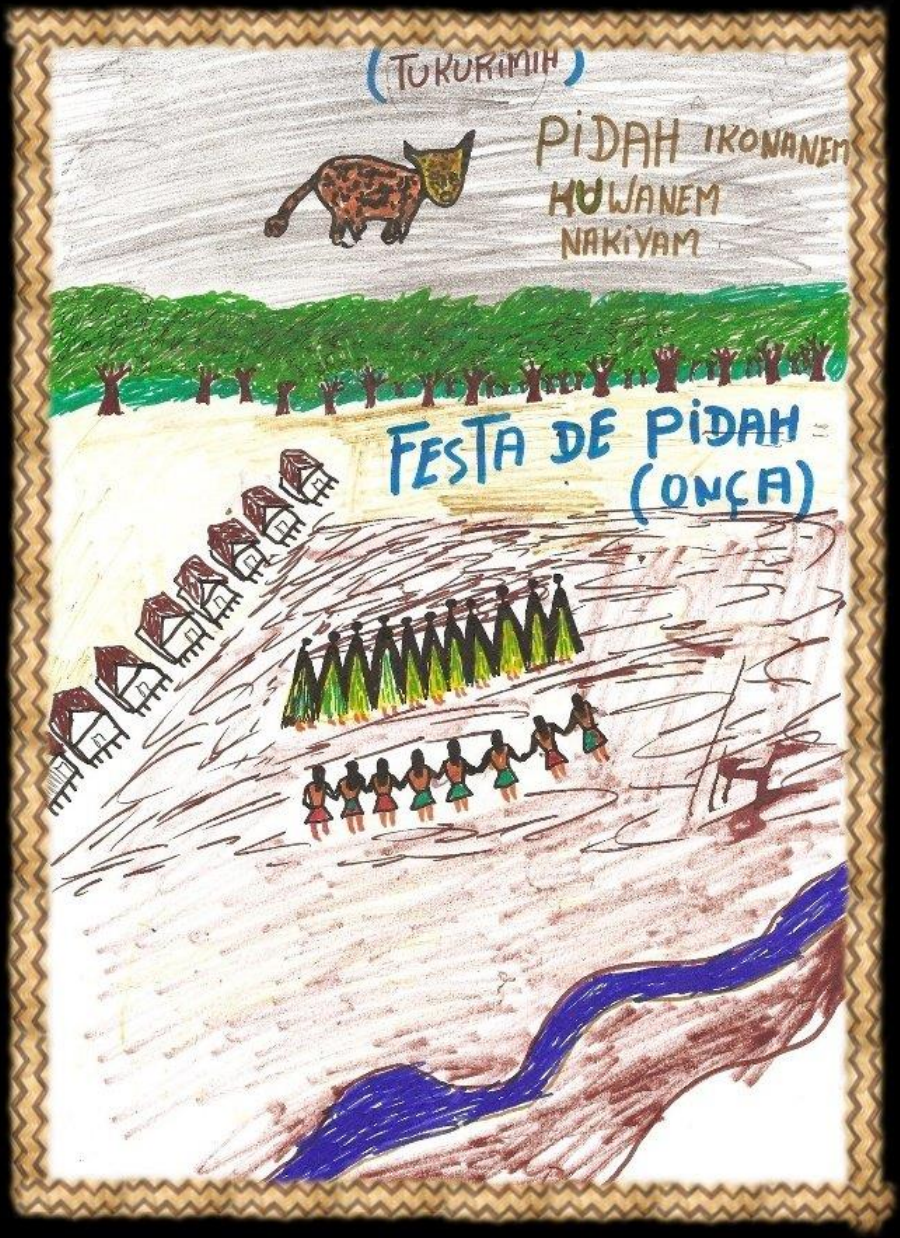
Quando as pessoas derrubam as árvores e ferem a terra, a Wana e o espírito Adjaba choram pelo sangue derramado da terra e das árvores.

Portanto, a Wana e o Adjaba sofrem muito quando a terra e as árvores estão destruídas.

A Onça Ruyai

Antigamente, Ruyai era onça, mas ele tinha a característica do homem, e ninguém percebia que ele era onça. Ele falava a língua do ser humano e tinha boas ideias. Ele sabia se comunicar com os Tâkuna. Ele foi se desenvolvendo no meio deles e aprendendo mais com os Tâkuna. Os Tâkuna faziam festas de rituais quase todos os dias. Ruyai gostou das festas dos rituais Tâkuna. Aí, um dia, Ruyai convidou todos os Tâkuna da aldeia para irem até a aldeia dele para realizar a festa do ritual em alguns dias.

Os Tâkuna aceitaram o convite. Eles gostaram muito do seu convite. Aí eles foram seguindo Ruyai, pensando na festa que aconteceria na aldeia dele. Ruyai tinha falado para eles antes de irem para a festa: Não levem uma menina na qual faltam poucos dias para os seios grandes se formar.



Na aldeia, tinha uma menina que já estava nesta fase, quase com seios grandes formados. Por isso, os Tâkuna não a queriam levar. Mas ela não queria ficar, não obedeceu a ninguém e foi junto com os outros. Todos fizeram a viagem preocupados com a menina. De repente, saiu sangue da menina. Ela estava se formando moça antes de chegar à aldeia do Ruyai.

Quando Ruyai percebeu a menina, ele ficou com muita raiva e se transformou numa grande fera, numa onça. Ele matou todos os convidados. Os convidados serviram como alimento da onça chamada Ruyai.

Assim narra o professor Pima Cleuzael Kanamari sobre a festa do *Pida*

Espírito Pampori (vigia da festa)

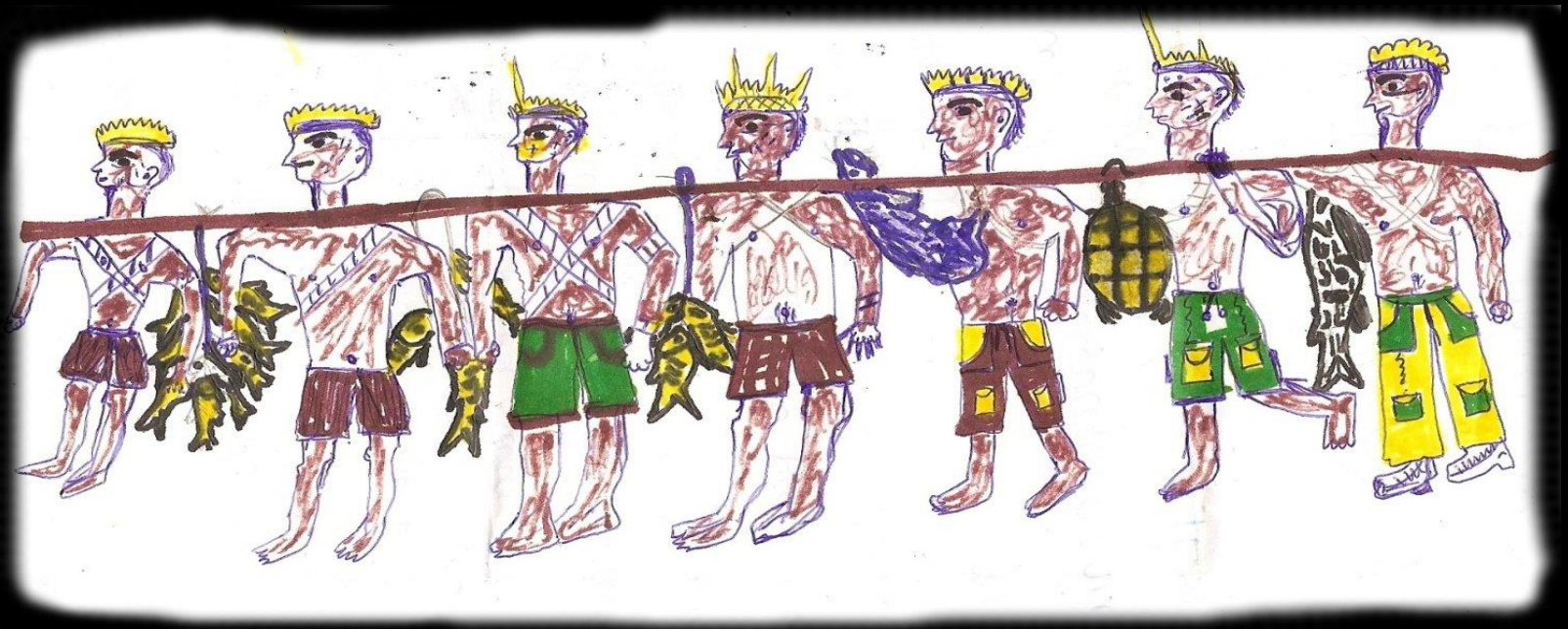
Bem cedo do dia, o tuxaua reúne os homens no terreiro. A mulher do tuxaua reúne as mulheres. Junto com o tuxaua, os homens saem para a floresta onde uns fazem a retirada do olho do buriti, para fazer os enfeites que serão usados para a festa, e outros vão pescar e caçar. A retirada do olho do buriti é feita sem que as mulheres vejam, isso para que não quebre o processo do ritual. As mulheres vão até a roça arrancar macaxeira que será usada no preparo da caiçuma. No local da retirada do olho do buriti, são feitos os enfeites. Os homens permanecem na floresta enquanto as mulheres estão na aldeia preparando a caiçuma. Esse processo, de as mulheres irem para o roçado e os homens caçar, é realizado todos os dias, enquanto durar a festa.

Às seis horas da tarde, ainda na floresta, os homens batem na sacupema (raízes de árvores de grande porte) por quinze minutos, anunciando que estão chegando na aldeia. Retornando à aldeia, concentram-se no centro do terreiro, onde começam a dança. As mulheres passam servindo caiçuma, enquanto os demais estão dançando.

Para o início da dança são feitas duas filas, sendo uma com os homens, e outra com as mulheres, uma de frente para a outra. Durante a dança, a música é cantada pelos homens, todos de braços dados, acompanhados pelas mulheres. A dança dura a noite toda. Durante a festa, a caiçuma passa a ser servida pelos homens.

Durante a festa, ninguém pode namorar ou ter algum tipo de relação. Acreditam que, se isso acontecer, a aldeia poderá ser amaldiçoada. Para evitar namoros, dentre os homens são escolhidos dois que recebem o nome de Pampori. Um vigiará os homens, e o outro, as mulheres. A vigilância é intensiva e severa durante toda a festa. Aqueles que ousam descumprir a ordem e forem pegos namorando serão castigados severamente pelos Pampori.

O encerramento da festa é feito bem cedo do dia pelo Tuxaua, informando as mulheres; dependendo da vontade delas, a festa pode continuar. Encerrada a festa, todos os homens se reúnem e vão para o mato caçar e pescar durante cinco dias. Esse alimento é uma forma de recompensar (pagar) as mulheres por terem dançado nesse período. Quando os homens voltam com a caça e pesca, retiram uma vara e nela colocam tudo que conseguiram nesses dias.



O período apropriado para a realização da festa é no verão (entre julho e setembro), e ela dura aproximadamente quinze dias. Durante toda a festa, a animação é total, uma forma de se confraternizarem com os demais parentes, esses que convidam parentes de outras aldeias.

Aldeia Flexal, em 25 de março de 2009.

Kiriwino na festa

O *Kiriwino* aparece nas festas atraído pelos cantos. É um personagem caracterizado com um rosto um pouco disforme e que não fala. Comunica-se apenas por mímica. Ele parece representar um parente distante, despertando a curiosidade dos participantes da festa que fazem perguntas diversas sobre sua procedência e suas intenções. O *Kiriwino* provoca muitos risos.

Em algumas aparições, o *Kiriwino* pode trazer alguma coisa, como no caso da brincadeira do Padya (Tamanduá Bandeira), na qual ele introduz os Padya no terreiro. Os Padya dançam com as mulheres e as perseguem, imitando o abraço do Tamanduá Bandeira na natureza. Essa brincadeira causa muita algazarra.

A festa do Adjaba

Os homens se reúnem para ir à floresta retirar galhos com folhas verdes. As mulheres já se encontram no terreiro com os braços dados, formando uma única fila, dançando e dançando. Os homens retornam para o terreiro de braços dados formando uma fila em frente à das mulheres. Colocando os galhos em frente ao rosto, acompanham o ritmo da dança. Várias músicas são cantadas. Durante a dança, o homem não pode pisar no pé da mulher, assim também a mulher não pode pisar no pé do homem. Acreditam que, se pisarem no pé é sinal que será picada por uma cobra ou ficará a pessoa doente. Se a mulher estiver grávida e o homem pisar em seu pé durante a dança, a criança poderá nascer com deficiência. A festa pode durar a noite toda, dependendo da vontade dos que estão participando.

Brincadeiras Kanamari

Hai Hai

Ao cair da tarde (17h), os homens, reunidos em um local distante do terreiro, fazem uma linha, todos com os braços dados. As mulheres se encontram concentradas no terreiro, em círculo, cantando e dançando. Os homens vão ao encontro das mulheres no círculo. Ao se encontrarem formam um único círculo. Conforme a mudança da música, o círculo muda de posição. O círculo formado, a mulher tira o homem para dançar no meio, como também o homem poderá tirar a mulher. Ao terminar, esses deverão levar seu parceiro de dança de volta para o local de onde tiraram.

Tsiri

Tsiri (Tsere): Os homens saem para coletar frutas na floresta ou para pescar. Quando chegam perto da aldeia, assobiam como um macaco, avisando as mulheres de que eles estão chegando. As mulheres, então, começam a cantar, pedindo para que os homens tragam os frutos da coleta. Os homens adentram o terreiro da aldeia e as mulheres correm atrás deles até pegarem tudo o que eles coletaram.

Tsirih âh âh: Os homens pegam um cacho de banana madura ou qualquer outro tipo de fruta ou peixe e amarram com envira em uma haste de quatro a seis metros, e a fixam no centro do terreiro. Então as mulheres devem subir para pegar a prenda. Os homens tentam dificultar.

Tsumâ: Os homens pegam um abacaxi maduro e o enterram no terreiro, escondido das mulheres, e as desafiam a procurar a fruta. As mulheres procuram e, quando encontram a cova, tentam tirar o abacaxi, mas os homens dificultam. Vêm todas as mulheres da aldeia para tentar pegar o abacaxi.

Marâh: Os homens trazem do roçado um feixe de cana amarrado com envira, cavam um buraco na terra e desafiam as mulheres a tomar as hastes de cana. Os homens seguram na ponta da haste e vão desafiando as mulheres até que eles cheguem ao buraco. Aí as mulheres avançam para cima deles, pegam na outra ponta da haste da cana e fazem uma disputa semelhante ao cabo-de-guerra. A brincadeira acaba quando as mulheres conseguem tirar a cana do buraco ou quando elas quebram a cana.

Rituais de Passagem

Itsaro Bodjakinem - A primeira menstruação da mulher Kanamari

Em sua primeira menstruação, a jovem Kanamari é colocada em um local, isolada das demais, dentro de sua residência, deitada em uma rede, ,passando quatro dias, sem alimentação, água e sem fazer suas necessidades (ir ao banheiro), restrita de certas atividades. Colocam algodão em seus ouvidos, isso para não ouvir conversas dos demais (para quando casar, não ser uma esposa que gosta de falar dos outros). Após os quatro dias, a jovem é retirada da rede nas costas da mulher mais idosa da aldeia. Em seguida, passa-se cinza em seus pés. Ela mesma não pode ter o contato com o chão. Após passada a cinza, a jovem é colocada em uma tábua, ou outro tipo de madeira, algo que não a faça ter contato com o chão. É cortado seu cabelo (curto). Em seguida, novamente nas costas, retorna para a rede (reclusão).

Embaixo da rede, fazem um fogo com casa de cupim - a defumação – fazendo, assim prova do olfato (dizem, que para não ser uma esposa que reclame do cheiro). A mais idosa oferece a primeira refeição (beiju), fazendo três tentativas, sendo que na quarta, entrega a alimentação à jovem. Faz isso para que a jovem, ao se casar, não seja uma esposa egoísta, que venha a negar alimentação aos seus parentes. Durante o período de um mês, até a segunda menstruação, a jovem fica restrita de certos afazeres, não tendo o contato direto com os demais moradores da aldeia. Durante um mês, fica recomendada de não se alimentar de comida reimosa, seja caça ou pesca, de evitar de se expor ao sol para não prejudicar a pele (acreditam que assim evita o envelhecimento). Durante esse período, fica com essas recomendações. Chegando a segunda menstruação, a jovem fica um dia descansando em uma rede. No segundo dia, retorna à sua vida normal. Está preparada para casar, assumir uma família. A mãe da jovem acompanha diretamente a filha em todo o processo.

Escrito por Pima Cleuzael Kanamari

Nohiyanham – Opatsem tom Descanso

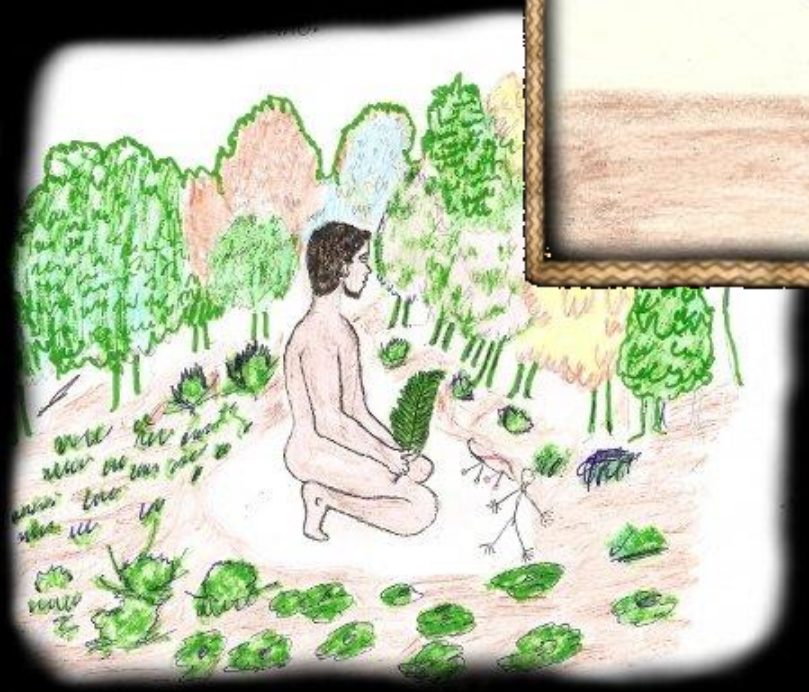
Quando a mulher Kanamari tem seu primeiro filho, durante três dias, o esposo fica restrito de realizar certas atividades, como caçar, pescar, além de jogar futebol ou qualquer tipo que faça esforço físico. O esposo fica em sua casa **descansando**. Passados os dias recomendados, o esposo segue sua rotina. Durante quatro meses, sendo filho homem e três meses sendo mulher, o casal fica impedido de se alimentar de comida reimosa. Acreditam que se não respeitarem essas recomendações, a criança poderá ficar doente. Durante os meses recomendados, utilizam os materiais de alimentação (prato, colher, copo) separados dos demais, isso para prevenir doenças como gripe, entre outras, que podem vir a prejudicar a criança e o casal. Após esse período, o casal segue sua rotina normal.

Casamento...

O casamento começa sempre com o namoro, mas, diferentemente dos não-indígenas, o namoro dura pouco tempo. Logo se casa. O namoro começa com um aperto de mão. O rapaz pega na mão da moça, com quem deseja namorar, e, se seu gesto for retribuído, isso significa que a moça também quer namorar. Então, no outro dia, o rapaz vai pescar e, quando volta, manda todo o peixe para a moça. A moça faz o mesmo. Vai para o roçado, arranca macaxeira, faz caiçuma e manda para o rapaz. Fazem isso por algum tempo, até que o rapaz pede para o pai da moça se pode com ela casar. Geralmente o pai consente. Então, o rapaz levava duas maqueiras (redes de algodão que são feitas pelo próprio povo até hoje), a dele e a da sua futura esposa, para a casa do pai da moça. O rapaz arma as maqueiras ao lado das maqueiras dos pais da moça. Primeiro ele arma a maqueira da moça e, por baixo desta, ele arma a sua. Deitados em suas maqueiras, o rapaz pega um abanador, feito de palha, e, por algum tempo, abana os pais da moça. Depois disso, o rapaz e a moça são considerados casados, constroem sua própria casa e fazem seu próprio roçado.

Pajé, Rezador e Marinawa

“Rezador é que cura criança para ficarem boas. Quando *marinawa* bebe cipó, aí canta no terreiro. Pintam a cara, fazem *kitah* para brincar no terreiro. Pajé é como médico para tratar a gente. Paje é igual como rezador, tira folha de buriti, aí canta até o dia amanhecer” (Iba e Hidji Kanamari).



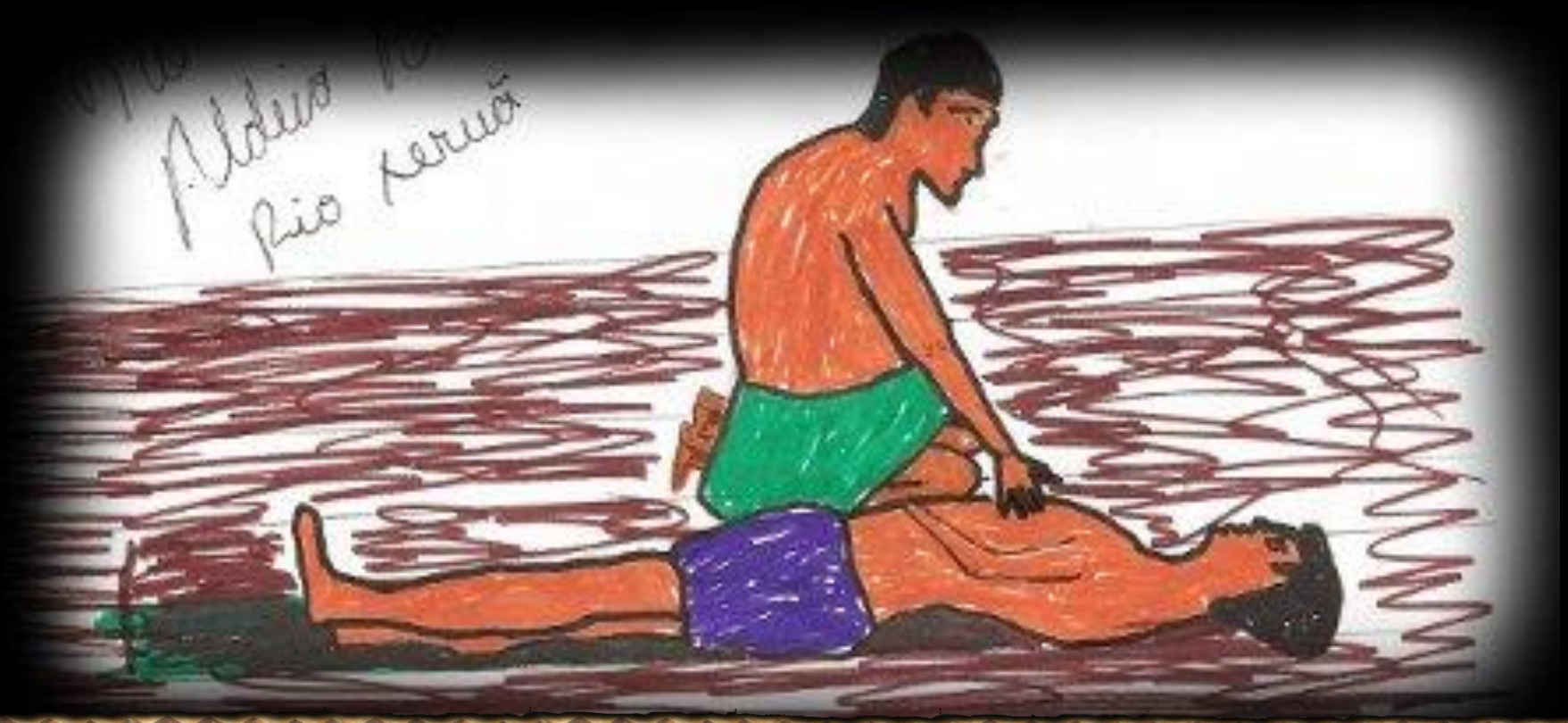
Pajé

Para se tornar pajé é preciso obedecer a uma dieta na alimentação. Ele só pode comer traíra pequena e um pedaço de macaxeira branca. O aprendiz aprende com outro pajé mais velho. O aprendiz tem que treinar o uso do rapé (*obadem*), que é usado para as curas. Ele tem que andar sozinho na mata e chega somente à noite em casa. Ele não pode olhar para as mulheres. Ele tem que andar devagar na mata, para não bater os pés nos tocos de árvores. Depois de seis a sete meses, ele coloca *djoko* com a própria mão na barriga e vai ser encantado. Depois de ser encantado na água, ele se transforma em cobra, jacaré e outros animais que vivem na água. Depois de um dia, ele pode voltar para casa. Depois disso, ele vai de novo para a mata para ser encantado na terra firme, transformando-se em onça, tamanduá-bandeira e outros animais da terra firme. Para se transformar em animais da terra firme ou da água, depende de qual espírito de animal, tipo de *djoko*, ele introduziu em seu corpo. O pajé pode pegar o espírito de quem morreu. Quando alguém morreu, ele pode também colocar *djoko* no estômago do finado. O pajé pode matar outros com o *djoko.*

Professor Manoel Daora Kanamari,
aldeia Irmãos Unidos, Itamarati/AM, 9 de junho de 2009.

As doenças não transmissíveis são caracterizadas como feitiço jogado por um pajé (pajé = *tukunabau*). Esse feitiço (*djoko*) é materializado numa pedra que os pajés sempre carregam consigo, dentro do seu próprio corpo. Para jogar esse feitiço, essa pedra, em uma pessoa, o pajé a retira de seu corpo e, num único movimento, a joga na pessoa que quer que seja enfeitiçada. A pessoa enfeitiçada tem a característica de uma pessoa doente, mas essa doença não é transmitida para outras. O responsável por curar essas doenças não transmissíveis é o pajé, mas nunca o mesmo que jogou o feitiço. Para retirar a pedra, o pajé usa o *obadem* (rapé). Assim, ele consegue identificar o local onde a pedra se encontra no corpo do enfermo. Após identificar o local, o pajé, por sucção, retira a pedra, cuspindo-a fora.

Informações coletadas conjuntamente na aldeia Matrinxã no dia 26 de maio de 2009.



Omandak Ónham - Rezador

Para realizar a cura de uma criança, o *omandak ónham* (rezador) retira a casca de uma árvore específica (que se chama *omandak*) e a coloca para secar. No dia seguinte, o rezador põe essa casca no fogo mistura e as suas cinzas com o rapé (*obadem*). Então ele aspira esse rapé especial, vai até a criança e suga algo de seu ouvido. Depois vai para a mata, limpa um pequeno espaço no chão, põe-se de joelhos e começa a orar chamando o espírito da criança doente. Se a doença for provocada por espírito de algum animal, o rezador conseguirá identificá-lo, pois virá acompanhado do espírito da criança. Assim, quando o espírito da criança aparece, o rezador o manda para casa e espanta o espírito do animal para a mata. Então, o rezador volta para aldeia, retira um galho com folhas verdes para usar como abano ao redor da cabeça da criança. Depois, ele fixa o galho nas palhas do teto da casa.

Esse tipo de doença ocorre principalmente em crianças até três anos de idade, podendo também ocorrer em adultos, que são atendidos também pelo rezador.

Informações escritas, no dia 7 de junho, pelo professor Manoel Daora Kanamari, da aldeia Irmãos Unidos, município de Itamarati/AM.

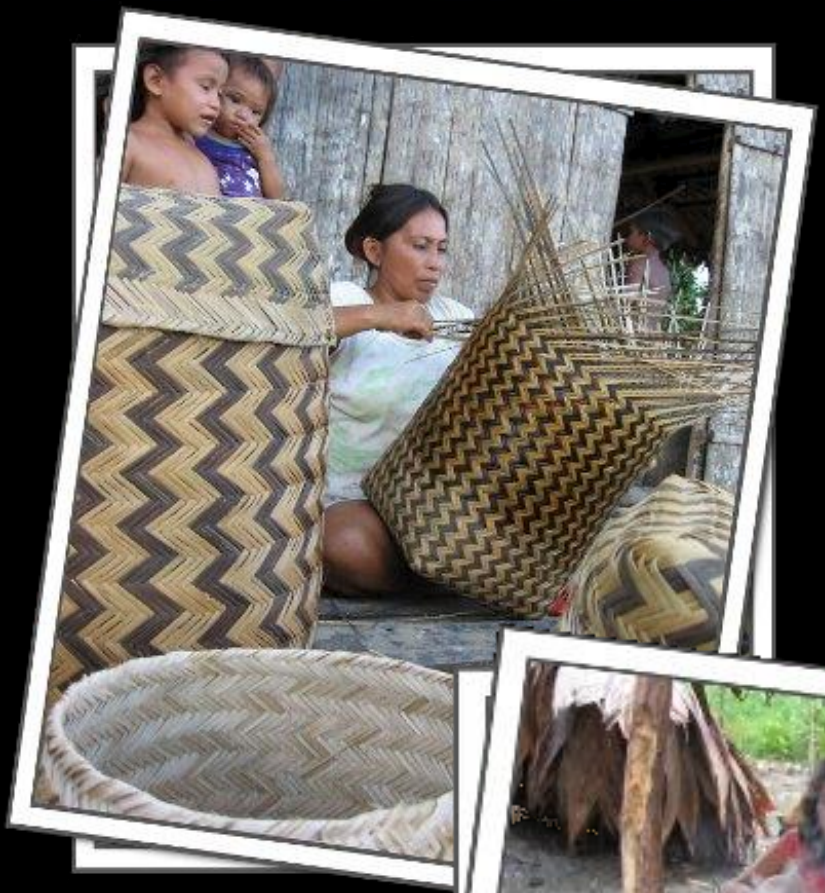
Marinawa

Os Kanamari diferenciam entre doenças transmissíveis e não transmissíveis. O responsável por curar as doenças transmissíveis é o *marinawa* (que também é o responsável por preparar o *ayahuasca*). Para curar a pessoa enferma, o *marinawa* prepara uma bebida – conhecida como *ayahuasca* ou *rami* – feita de um cipó e a folha de uma árvore; à noite, e depois de preparada a bebida, o marinawa a toma para poder ver a doença. Então fuma seu cachimbo e sopra toda fumaça no corpo do enfermo.

Depois de terminar o "ritual", ele deita em sua rede e começa a cantar músicas. Se no outro dia o paciente ainda não estiver melhor, o *marinawa* vai novamente para o mato e busca a folha de uma outra árvore, machuca-a numa panela com água e põe para esquentar. Depois d'água estar aquecida, o *marinawa* lava a pessoa enferma por inteiro com essa água. Se a pessoa estiver melhor, bom. Caso contrário, tem que ir para a cidade em busca de tratamento.

Dados coletados coletivamente na aldeia Matrinxã, no igarapé Matrinxã, no dia 27 de maio de 2009.

Dia-a-dia Kanamari



Educação Kanamari

Nós, Kanamari, temos o nosso jeito de educar adultos, jovens e crianças nas nossas aldeias. Nós educamos as crianças e os jovens sobre mitos, músicas, costumes, medicina tradicional, casamento, pintura corporal e muitas outras coisas da nossa vida.

O pai ensina os filhos, e a mãe ensina as filhas, acompanhando a vida de cada um. O pai ensina a caçar, pescar, e a mãe ensina a trabalhar no roçado e na casa. A educação tradicional é importante para os futuros Kanamari não esquecerem os conhecimentos dos antepassados. É importante também para valorizar e defender a nossa terra, a educação, a saúde e para uma vivência boa.

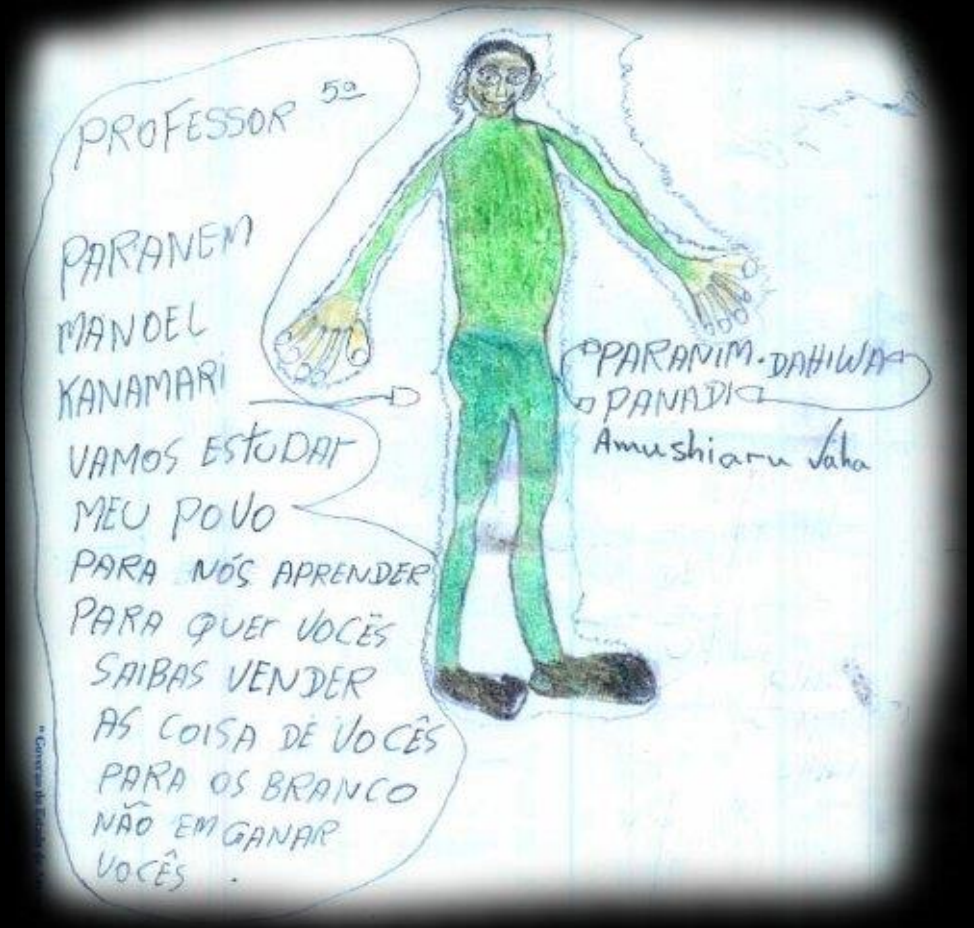
Os cantadores são os mais velhos da aldeia, que ensinam os jovens para serem cantadores da aldeia, para não esquecerem os cantos dos Kanamari.

Professor Pima Cleuzael Kanamari, aldeia Flexal, Itamarati/AM, 20 de junho de 2009.

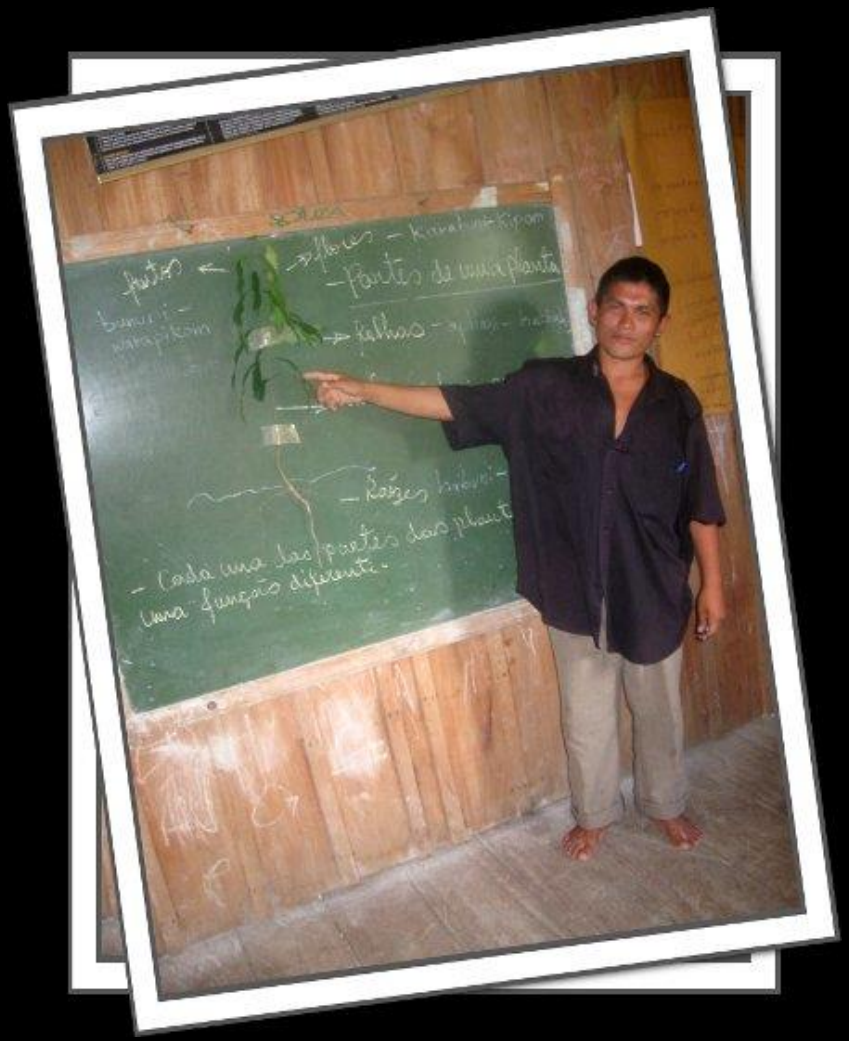
Escola Kanamari

Vamos estudar, meu povo, para aprender para que vocês saibam vender as coisas de vocês para os brancos não enganar vocês.

Professor Paranem Manoel Kanamari



Medicina da Floresta



Cantos Kanamari

Canto para a queimada do roçado

Djá Tsikarãm tso minho djá tsikarãm ayo ayo koneyôhirantso koneyôhirantso koneyôhirantso anteh waúnenteh kotâitsobo ayo anteh waúnenteh kotâtsobo ayo ayo wiriya ayo wiriya ayohi ayohi.
Minha irmã, já é o tempo das cigarras cantarem. Minhas irmãs, já é o tempo das cigarras cantarem o tempo de muito sol. As cigarras começaram a cantar agora. As cigarras começaram a cantar agora. Nós queremos que você beba a caiçuma também. Nós queremos que você beba a caiçuma também. Cigarrinha, cigarrinha, nos ajude para que o roçado queime bem, para termos muito alimento, para termos muita caiçuma. Ó, Espírito da Mata, ouça a nossa cantiga e o nosso pedido!
.

Contador de Histórias e de Músicas. Ele acrescenta: “Essa música é para queimar bem o roçado, pedindo ajuda e força do Espírito da Mata. A música pede força à cigarra para que o verão seja bom. Nós bebemos caiçuma de dia, enquanto a cigarra se alimenta das folhas que caem no chão. Por isso, pedimos força dela para nós e ela se alimentar.

Informações de Edmilson Panawâ Kanamari da aldeia Flexal, Itamarati/AM, coletadas no dia 24 de maio de 2009.

Canto da caçada para a festa

Yotôro nautsaktsakmam nentam adâh, yotôro nautsaktsakmam nentam adâh patâh dau-aêm aêm djinem kotâdah patâh dau-aêm aêm djinem kotâdah am adâh am adâh am adâh.

A anta pisa, pisa as frutas, a anta pisa, pisa as frutas. Mas eu continuo dando frutos, mas eu continuo dando frutos. Assim eu sou, assim eu sou, assim eu sou.

O professor Manoel Daora Kanamari, da aldeia Irmãos Unidos, Itamarati/AM, anotou, no dia 14 de junho de 2009, a música do seu pai Tsimo Mistil Kanamari, contador de histórias e músicas, e explica:

A festa, o pajé canta muito, o *Nomam* (cantador) também.

A música acima significa para o dono da caça (a onça), que estamos ensinando os animais sobre as frutas. Então o dono das caças fica muito alegre. A festa no terreiro é muito importante, e os espíritos ficam alegres. Como o espírito da onça é dono da caça e o dono dos peixes, eles descem para a terra para ouvir a música. Junto ao espírito da mata, todos estão no terreiro cantando com o pajé. Por isso, quando os caçadores vão caçar eles cantam para alegrar o espírito da mata, o dono da caça, para que os caçadores encontrem rapidamente a caça.

Canto para a derrubada da mata

Nomam tusawa nhobâ adâh whaina hinam, nomam tusawa nhobâ adâh whaina hinam. Manhã ôtsarimahem amâ Manhã ôtsarimahem amâ. Djawi djawi natah ôdahina dahinam, djahinam, djahi djahi natah ôdahina odjahinam odjahinam.
Ômam manhã kururowim, kururowim, kururowim...
Ômam manhã kururowim, kururowim, kururowim...

Chefe da mata, eu vou à tua busca, chefe da mata, eu vou à tua busca para desmatar e derrubar a mata, desmatar e derrubar a mata. Todos nós estamos reunidos, todos nós estamos reunidos, te pedindo que não fiques com raiva de nós. Estamos cantando para ti, fazendo o sacrifício para te alegrar mais. Porque nós vamos destruir a tua mata, por isso que oferecemos este sacrifício com esta música, com respeito a ti, para não acontecer problema algum. Silenciem-se árvores, pois nós já sacrificamos ao seu dono e recebemos a autorização do *Wanah* para derrubar vocês.

Manoel Kanamari explica: "O dono da terra é Wanah. Por isso, temos esta oração para pedir autorização do dono da terra, para que não fiquemos doentes, as onças e cobras se afastem de nós com a ajuda de Tamah Kodoh Wara – Tamah do Céu".

Manoel Daora Kanamari, professor da aldeia Irmãos Unidos, em 9 de junho de 2009, Itamarati/AM

Canto para pesca

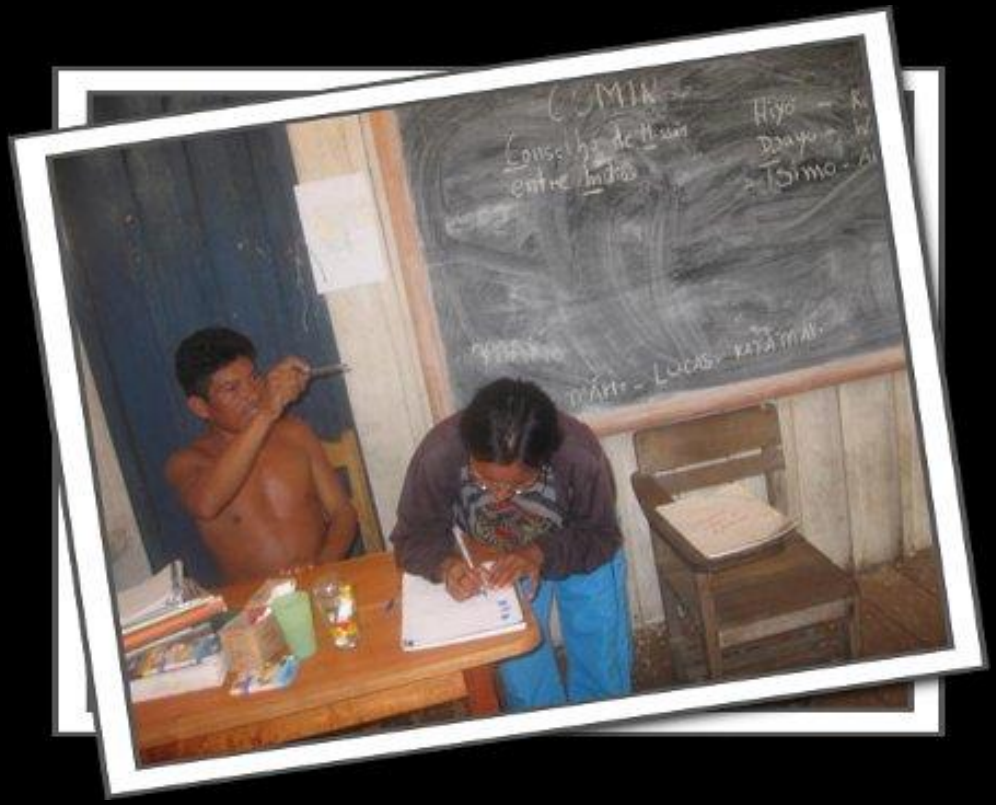
Koya tsainem novadji koya tsainem novadji ôkabobokam ôkabobokam
yawari yawari. Adâh itûh Djawaironatso adâh itûh djawaironatso itûh tsabau djahi itûh tsabaudjahi.

Eu vou para a beira do igarapé, eu vou para a beira do igarapé cantando, cantando e dizendo: “cai muito coco Joari na beira do igarapé.” Os peixes estão respondendo: ”Nós vamos comer, nós vamos comer, ficaremos com o rabo de fora, ficaremos com o rabo de fora.”

Tsimo Kanamari explica: “Quando a gente canta esta música, a Mãe da Água manda os peixes comerem os cocos Joari e quer ajudar a pessoa que cantou. Os Kanamari cantam esta música na festa no terreiro ou quando vão pescar com flechas ou anzóis, para que os peixes fiquem mansos, para a felicidade de todos. Enfim, também para que o dono do peixe saiba que vamos pescar. Nós cantamos esta música para o dono do peixe saber que aqui estão caindo muitas frutas e para que fique animado.”

Contador da música Tsimo Mistil Kanamari, aldeia Irmãos Unidos, Itamarati/AM. Anotado pelo professor Manoel Daora Kanamari, aldeia Irmãos Unidos, Itamarati/AM, 14 de junho de 2009.

Invasões



Carta às irmãs e aos irmãos não indígenas, para todas as gerações, sobre a mudança climática

Meus amigos, chega de fazer poluição e desmatar a floresta. Não destruam mais as árvores, a natureza, porque são elas que protegem a terra e armazenam a água. Se forem destruídas, não haverá mais água. Nós podemos desaparecer por falta de água, por isso, por favor, parem de poluir o ar, a atmosfera que não aguenta mais tanta poluição. Também nós podemos desaparecer sob essa seca, podemos até ser castigados sobre o fogo com nossas atitudes. Além disso, parece que, quanto mais poluição, mais doenças diferentes surgem. Vamos parar com essas indústrias que só geram calor e seca; vamos parar para que possamos nos refrescar um pouco mais. Quando não existiam não-indígenas aqui, não havia tanta doença nem tanto calor (quentura).

Meus irmãos, meus amigos, nós, indígenas não poluímos a atmosfera nem poluímos a natureza. Nós, indígenas, vivemos sem nenhuma indústria, por que vocês não indígenas não podem viver? Sinto que vocês também podem viver como nós, sem poluição e destruição. Nós, indígenas, podemos não conhecer muito de livros [ciência], mas sabemos respeitar a natureza, não poluímos ou destruímos a mata irresponsavelmente. Fazemos isso, porque reconhecemos que as árvores também têm vida, como a gente. Não poluímos o ar, porque reconhecemos que o ar é o nosso ar, precisamos dele para respirar, para continuarmos vivos. Se poluímos o ar, pegaremos doença que nós mesmos criamos, por poluirmos o ar. Nós, indígenas, precisamos do ar, por isso que o respeitamos.

Meus amigos não indígenas, se vocês não sabem que precisamos do ar para sobreviver, agora saberão. Vocês são homens da ciência e de leis, mas não aprenderam a respeitar o ar, a natureza. Se vocês não conhecem sobre a natureza e o sobrenatural, poderão conhecer agora conosco. Meus amigos, eu sou índio e fico refletindo: os não-indígenas são muito inteligentes, mas parecem não conhecer nada. Pois eu sou índio e reconheço a natureza, o ar, a atmosfera, os rios, a mata.

Aldeia Irmãos Unidos , 25 de maio de 2009,
Manoel Daora Kanamari, Itamarati/AM

Kanamari: ontem, hoje e amanhã

Antigamente, não tínhamos faca, machado, terçado, panela, sal, espingarda, motor de popa. Não usávamos roupa de não-indígena nem falávamos português; não tinhamos essas coisas de não-indígenas. Antigamente, nós mesmos que fazíamos nossas panelas e nossos pratos com barro. Fazíamos nossas próprias roupas com buriti ou envira, ou de algodão. Nós mesmos fazíamos o fogo com um instrumento que chamamos de *ihtano.* A canoa era feita de casca de pau (arabá, jatobá, paxiubão), pois não tínhamos machado para cortar a árvore no meio. Caçávamos com zarabatana (maripu), arco (*iwiyo*), lança (*drukuám*), cacete (*omamkitok*); fazíamos também nosso próprio anzol (*pina*). Nossa faca era feita da lasca de taboca.

Para fazermos o roçado, primeiro quebrávamos o mato com as próprias mãos, depois derrubávamos as árvores grandes, cavando fundo ao redor do seu tronco.
Ainda que hoje usamos muitos instrumentos de não indígenas, não deixamos de ser Kanamari, porque ainda guardamos nossa religião, o pajé (*tukunabauh*) ainda faz cura, ainda falamos nossa língua, ainda contamos nossos mitos para os mais jovens, ainda fazemos nosso artesanato como antigamente (cesto, paneiro, pote de barro, abano para foto, vassoura, maqueira, *kitah* [chapéu], pulseira, cinturão de envira e *tauari* para usar e para carregar criança); ainda fazemos nossas festas como o *kohana*, brincadeiras como o *tiri*; ainda fazemos certos alimentos como tapioca, beiju, caiçuma de macaxeira e banana; ainda pintamos nossos corpos como antigamente; ainda caçamos como antigamente; ainda moramos em aldeia como antigamente. Isso mostra que guardamos muito de nossa cultura.

Aldeia Matrinxã, dia 27 de maio de 2009.

Ser índio Kanamari é:

usar a própria língua, produzir a própria comida, realizar as festas e cantar no terreiro,
cuidar e defender nossa terra,
não abandonar nossos costumes,
dividir o peixe e a caça,
gostar de beber caiçuma em conjunto,
ser unido e não brigar,
não deixar de se pintar,
reunir toda a aldeia para as festas,
não ter vergonha de falar a língua *tukuna,*
dançar *pida kohana,*
participar das festas dos velhos,
fazer rituais,
cuidar dos alimentos produzidos pela terra e pela água

Depoimento escrito pelo professor Pima Cleuzael Kanamari da aldeia Flexal do Rio Xeruã, afluente do Rio Juruá, no dia 13 de junho de 2009.

Elaborado pelo COMIN:

Walter Sass

Rogério Sávio Link

Abraão Nilo Givago Schäfer

Conjuntamente com as aldeias Kanamari:

Taquara – Carauari/AM

Flexal – Rio Xeruã/Itamarati/AM

Irmãos Unidos – Itamarati/AM

São João/Curabi – Rio Xeruã/Itamarati/AM

Matrinxã – Rio Matrinxã/Eirunepé/AM

Beija-Flor – Rio Itucumã/Eirunepé/AM

Flexeira – Rio Itucumã/Eirunepé/AM

Pentecostes – Rio Itucumã/Eirunepé/AM

Canta Galo – Rio Itucumã/Eirunepé/AM